

A ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL SEUS ENCONTROS E DESENCONTROS



PÂMELA LODOS CARLESSO BAPTISTA

Graduação em Pedagogia pela Faculdade Anhanguera (2015); Cursando Especialização em Educação Infantil e Psicomotricidade pela Faculdade de Conchas (2024); Professora de Ensino Fundamental I EE Irmã Anette Fernandes Melo, Professora de Educação Infantil Rede direta CEI Tito de Alencar Lima Frei.

RESUMO

Este artigo tem por ponto de partida discutir e compreender quais os caminhos percorridos pela alfabetização brasileira, o porquê não obtivemos êxito, e quais os fatores históricos, políticos e sociais que nos trouxeram para a realidade com a qual nos deparamos hoje em nosso contexto educacional, onde podemos observar em todos os níveis da educação básica e superior brasileira inúmeros estudantes incapazes de ler e compreender com clareza textos simples, e a triste realidade de jovens que passam por todo o percurso da educação regular e permanecem analfabetos, privados de seu direito de exercer a cidadania em seu contexto social, tendo em vista que mesmo com todos os avanços tecnológicos que vivemos nos últimos séculos continuamos inseridos em uma sociedade centrada na escrita, pois é através dela que nos eternizamos como sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Psicogênese Da Língua/Construtivismo; Prática Docente.

INTRODUÇÃO

Posso trazer como relato, o que considero muito relevante, qual a minha aproximação com o tema, que se dá claro pela minha formação acadêmica em pedagogia, pelo meu encantamento com a leitura e os livros, que gera em mim uma profunda indignação em pensar que existem milhares de jovens no nosso país que são privados deste prazer, negligenciados por um sistema que não se mostra eficaz em nenhum aspecto. E pelo meu percurso profissional, onde fui estudante do Projeto Escola da Família Secretária do Estado de São Paulo, trabalhando com alfabetização, trabalhei com o Projeto Mais Educação Projeto Governo Federal, com alfabetização, e depois estive por 6 anos em sala de aula, nos anos iniciais do ciclo de alfabetização. Vivenciando como profes-

sora alfabetizadora os processos inerentes a alfabetização, políticas públicas de todos os âmbitos, fui professora que estava no campo de trabalho da educação na pandemia e os seus impactos decorrestes a este período.

Ao fazermos uma breve análise da construção histórica do processo de alfabetização no Brasil, podemos notar que as principais mudanças de paradigmas e metodologias que ocorrem no decorrer das décadas, em geral não foram impulsionadas por melhorias no sistema educacional, sim sempre com a premissa de solucionar o persistente fracasso em relação a alfabetização e a proficiência leitora dos estudantes.

Em uma publicação no portal G1 MANSUR R., SALGADO R., 2023, traz alguns números bem significativos, que em 2022 que a proporção de crianças de sete e nove anos que não sabem ler no Brasil dobrou, no período advindo após a pandemia de covid19, estes dados foram divulgados pelo Fundo das Nações Unidas para Infância (UNICEF), segundo a publicação no período de 2016 a 2019 ocorreu um aumento sutil no acesso à alfabetização no Brasil, o que com impacto da pandemia já sofreu um retrocesso.

Já em dados apresentados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (Inep), a partir das provas do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) dos anos de 2019 e 2021, apontam uma queda nos índices de alfabetização, pontuando que em 2019 54,8% das crianças avaliadas foram consideradas alfabetizadas, e em 2021 o percentual caiu para 49,4%.

Realizado este pequeno recorte, de uma realidade que sem dúvida é apenas um ponto em relação as diversas camadas que teremos que adentrar para compreender o que de fato nos conduziu para a realidade que nos deparamos hoje nas escolas do país, onde boa parte dos alunos do ensino fundamental e médio possuem diversas dificuldades inerentes a leitura e escrita, o que dirá produzir um texto onde argumenta sobre fato, o que compromete todo o processo educacional destes estudantes. Onde a Base Nacional Comum Curricular traz a abordagem de uma educação integral, fomentando a formação dos estudantes em todas as suas camadas, intelectual, psicológica, emocional, social. E não conseguimos garantir uma necessidade básica, que estes estudantes tenham livre acesso à informação, pois a leitura nos permite exatamente isto, só através de um processo de alfabetização eficiente promoveremos para os estudantes brasileiros o tão sonhado protagonismo acadêmico.

Soares, Magda 2014, em seu artigo sobre as muitas facetas da alfabetização, aponta que as questões que vivenciamos hoje nas diversas etapas da educação inerentes a alfabetização está relacionada entre outras questões, a perda da especificidade dos processos de alfabetização em detrimento aos conceitos de letramento. O que nos leva a refletir que esta questão sobre a ineficácia dos processos de alfabetização é uma questão latente em nosso cenário educacional.

O Plano Nacional da Educação que entrou em vigor em 2014 com a vigência de 10 anos, tendo em vista que estamos no ano 2024, que tem em sua meta 5: Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o terceiro ano do ensino fundamental. Meta, que como já apontamos antes, não foi alcançada.

Os Parâmetros Nacionais (PCNS) em especial o de Língua Portuguesa do ciclo I que trata da

alfabetização, que aponta a importância da aquisição da escrita por parte da criança, que deverá abranger a totalidade englobando as muitas facetas da linguagem, a importância de se ter acesso a textos de diversos gêneros, o documento também traz luz sobre a relevância das descobertas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky de como a criança, dentro outras questões o documento afirma que durante o primeiro estágio que dura em geral um ano, o professor deveria ensinar o sistema alfabético de escrita, a correspondência fonográfica, e algumas convenções ortográficas do Português, o que daria ao estudante a autonomia para leitura e escrita.

Outro documento indispensável para a educação é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017 pelo Conselho Nacional da Educação, tem por primícia regulamentar quais são as habilidades e competências essenciais a serem trabalhadas em todo o cenário nacional da educação básica, a fim de garantir que todos os estudantes no território nacional tenham a mesma possibilidade de se desenvolver em sua plenitude.

De acordo com MURRIE, redatora na área de linguagem da Base Nacional Comum Curricular:

“A BNCC, define que a alfabetização das crianças deverá ocorrer até o segundo ano do ensino fundamental, com o objetivo de garantir o direito fundamental da criança de aprender a ler e escrever.”

Já em relação as habilidades e competências a serem adquiridas, MURRIE afirma que:

“... a ideia é que nos dois primeiros anos do ensino fundamental, ocorra a consolidação do conhecimento, afirmando que a introdução das questões de escrita iniciam-se na educação infantil.”

E a luz da Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205 que garante a educação, como direito de todos, dever do Estado e da família, devendo ser fomentada pela sociedade, e com qualidade, visando o pleno desenvolvimento do indivíduo, o preparo para o exercício da cidadania.

Refletindo sobre as concepções construtivistas e a psicogênese da língua escrita e suas influências no contexto educacional brasileiro, tendo em vista que as contribuições de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, são ponto de partida da maioria maciça dos processos de alfabetização nas escolas do país. Temos que analisar quais são seus pressupostos e intenções, para entender como impactam no cenário brasileiro, para assim termos compreensão de qual é sua verdadeira finalidade.

As Psicolinguistas argentinas, Ferreiro e Teberosky, iniciam suas pesquisas em 1974, tendo por ponto de partida a concepção construtivista elaborada por Jean Piaget, em nota previa a publicação as pesquisadoras anunciaram as perspectivas adotadas para a elaboração da pesquisa:

[...] Pretendemos apresentar que aprendizagem da leitura, entendida como questionamento a respeito da natureza, função e valor deste objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos. Que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca aquisição de conhecimento, que propõe problemas e trata de solucioná-los, segundo a própria metodologia... insistiremos sobre o que se segue: trata-se de um sujeito que procura adquirir conhecimento, e não simplesmente de um sujeito disposto ou mal disposto a adquirir uma técnica particular. Um sujeito que a psicologia de lecto-escrita esqueceu[...] (FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana, 1986. p.11)

As autoras enfatizam que os estudos desenvolvidos tem por objetivo tratar da construção mental da criança durante o processo de aquisição do sistema de escrita alfabético, as teorias também trazem uma profunda reflexão sobre a visão adultocêntrica, comuns aos processos e métodos de alfabetização tradicionais, enfatizando os processos cognitivos vivenciados durante a construção dos processos de ensino da língua escrita alfabética. Como o apontado por FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana, 1990 p.25:

...o foco é posto nos processos cognitivos da criança em sua progressiva aproximação ao princípio alfabético de escrita, ou seja, o objeto do conhecimento é a escrita como sistema de representação.

Nos levando a uma reflexão sobre como nos apropriamos das concepções das autoras, será que nos atentamos as suas pretensões ao elaborarem suas teses, será que empregamos a Psicogênese a Língua Escrita uma finalidade que não era advinda desta.

Citado por SOARES, Magda em seu livro A Questão dos Métodos, p.337. Mayer afirma (2009 p.184-185):

... o adjetivo construtivista aplicado ao ensino é uma falácia, o que denomina falácia “a falácia do ensino construtivista, porque se confundiu construtivismo com uma teoria de aprendizagem [...] e o construtivismo como uma prescrição para o ensino, o porquê identifica-se aprendizagem ativa, quando uma variedade de métodos pode conduzir a uma aprendizagem construtivista.

Traremos também as contribuições de Magda Soares que é professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais, pesquisadora do tema alfabetização, tida como a precursora do termo letramento no Brasil. SOARES, Magda em sua obra Alfalettar Toda criança pode aprender a ler e a escrever faz diversos apontamentos. Tais como que a aprendizagem da língua escrita é condição essencial para a continuidade do processo de escolarização, em todas as áreas e níveis. Traz dados sobre a universalização de acesso a escola, com os resultados da Avaliação Nacional as Alfabetização (ANA), onde o Brasil atingiu 98,6% de acesso à educação, e 54,7% das crianças no terceiro ano do ensino fundamental foram avaliadas estando no nível insuficiência quando tratamos de alfabetização.

SOARES, Magda, p.9 2020, faz a seguinte afirmação:

Diante desse reiterado fracasso na alfabetização das crianças, conclui-se que a universalização do ensino fundamental, na verdade, não resultou na democratização da educação: ter acesso à escola, mas não ter um ensino de qualidade significa não conquistar igualdade de direitos e possibilidades-bases da democracia.

Em SOARES, Magda em 2017 p.62, cita as autoras da Psicogênese da Língua Escrita, afirmando que em sua primeira publicação os cinco primeiros capítulos foram dedicados para a compreensão da aquisição da leitura, e apenas um para a aquisição da escrita. SOARES, Magda, 2017 p.66:

... que o desenvolvimento da faceta linguística da alfabetização, no quadro desta teoria, é considerado, de certa forma, como decorrência do letramento: da introdução da criança as outras facetas do processo de apropriação da língua escrita faceta interativa e a faceta sociocultural. O construtivismo privilegia apenas uma faceta da alfabetização apenas as que englobam o letramento.

Soares, 2017 em suas obras apresenta para os processos de alfabetização suas camadas

trazendo a elas o termo de facetas, afirmando que cada faceta possui suas especificidades e características sendo a linguística que trata da escrita, interativa que trata da oral e sociocultural. Também afirma que a alfabetização no seu estado atual, fomentada pelos estudos das ciências linguísticas da psicologia cognitiva e da psicologia do desenvolvimento apresenta um processo complexo que envolve vários componentes ou facetas demandando assim diferentes competências. Faz uma alusão afirmando que cada uma destas facetas é desenvolvida um método predominante e teorias específicas. A faceta linguística predomina os métodos analítico e sintético, a interativa a teoria construtivista, a faceta sociocultural as teorias sociointeracionistas.

Podemos afirmar que alfabetização olhada pelo âmbito das ciências linguísticas, psicologia cognitiva, psicologia do desenvolvimento, é um processo extremamente complexo que envolve várias vertentes, ou facetas. Não podendo assim em hipótese alguma desprezar ou desprivilegiar nenhuma de suas vertentes, quando olhamos para estas questões, SOARES, 2003, traz o termo que nós estamos desinventando o processo e a própria alfabetização, pois em meio a todas as questões já abordadas, a alfabetização perde sua especificidade.

FERREIRO, Emília, 1985, afirma que a invenção da escrita foi um processo de construção de um sistema de representação. Traz também a concepção que o construtivismo parte do princípio que como a fala é uma ação nata, onde através da observação e do convívio com indivíduos falantes e observação aprendemos a falar, com a escrita se dará da mesma maneira. Em contraponto a afirmação da pesquisadora, podemos pontuar que a fala não é um recurso criado pelo indivíduo é verdadeiramente uma habilidade nata, toda pessoa, em vista que possui limitações nasce com a capacidade de falar, já a escrita é produto de criação histórica, desenvolvida pelo ser humano, para representar a fala, sendo assim produto cultural.

O que nos leva a pensar, para que a criança desenvolva as habilidades alfabéticas ela precisará de muito mais do que um meio propício, precisará de estímulos e intervenções necessárias. Podemos ressaltar que nas condutas dos homens encontramos um conjunto de recursos sociais não orgânicos ou naturais que são empregados para dominar seus recursos psicológicos. Estes recursos são considerados ferramentas, que iram auxiliar em ações como a escrita, a criança necessita aprender a dominar os recursos por meio de memorização, descobrindo o uso e a funcionalidade dos signos que representam os sons da fala.

Neste prisma VIGOSTSKY, Lev 2001, traz o entendimento da relação entre o desenvolvimento e a aprendizagem em uma perspectiva diferente de outras concepções, em sua visão é primordial privilegiar fundamentalmente o papel da aprendizagem no desenvolvimento das relações existentes.

VIGOSTSKY; LURIA 1996 p.195 afirma:

... que a escola cria uma provisão de experiências, implanta grande número de métodos auxiliares complexos e sofisticados e abre inúmeros novos potenciais para a função natural.

O que nos traz uma reflexão sobre o papel fundamental da escola e da prática docente na construção de um processo de alfabetização que traga impactos efetivos, para que as crianças desenvolvam as habilidades necessárias para a aquisição da língua escrita, nos levando também

a questionar que a perda da especificidade talvez esteja intimamente relacionadas a falta de compreensão sobre as finalidades e a marginalização dos métodos, tendo em vista que as concepções relacionadas as construções psicológicas na aquisição destas habilidades nos leva a pensar e como elas são constituídas, e os métodos nos apontam um caminho a percorrer.

LENER, Délia, em seu livro *Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário* (2002), traz diversas colocações relacionadas a prática docente como ele se dá no contexto escola, onde aponta que a escrita tem caráter cultural, porém o ato de ler e escrever nas escolas acontece com propostas que em sua grande maioria não agradam os estudantes. Afirmando que precisamos deslocar este caráter tecnicista da alfabetização, para um contexto que englobe o uso social da língua.

Weiz Telma 2000, tratando também da prática docente, afirmando que não existe apenas um processo que abranja toda a complexidade do ensino e aprendizagem da língua escrita este se controle em processo de dualidade onde se comunicam, entre a experiencia, reflexão, pensamento e ação.

FREIRE, Paulo 1996, nos traz a reflexão que ensinar não significa apenas transferir um conhecimento, mas consiste na ação de criar possibilidades para que os estudantes possam se construir como indivíduos para assim produzirem. Para o autor ensinar um indivíduo a ler e escrever, possui um caráter mais abrangente do que apenas decodificar o código de escrita alfabética, mas é proporcionar uma experiencia que o conduza a refletir sobre o que ele está lendo.

Todos estes apontamentos nos levam a refletir sobre o quão determinante que o docente possa compreender o quanto suas práticas impactam no processo de alfabetização das crianças, que ele como um agente condutor deste processo precisa ter clareza e domínio sobre concepções, teorias e métodos, pois é a junção de todas estas ferramentas, permeadas pela a observação e pela a escuta de tudo o que pulsa nos estudantes, culminará em um processo de alfabetização efetivo.

Não existe uma maneira correta, uma fórmula, existem nortes que estão na Psicogênese da Língua que traz luz sobre como aquele indivíduo está refletindo a escrita naquele momento, nas contribuições de Magda Soares e suas facetas da linguagem, no método fônico de Fernando César Capovilla ou do método analítico de Paulo Freire. O que precisa ser via de regra, é olhar para criança como individuo, e quando dizemos individuo partimos do pressuposto que é único, e que trará consigo vivencias, memorias conhecimentos e necessidades, é só a sensibilidade do educador será capaz de alcançar em sua totalidade, e assim construir conhecimento.

FREIRE, Madalena, 2019 p.32 afirma:

Observar, olhar o outro e si próprio, buscando o significado do desejo, acompanhando o ritmo do outro, buscando sintonia com este.

A observação faz parte da aprendizagem do olhar, o que é uma ação altamente movimentada e reflexiva.

Ver é buscar, tentar compreender, ler desejos. Através do seu olhar o educador também lança seus desejos para o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pensarmos na escrita como um dos instrumentos culturais, criado pelo homem com o objetivo de registrar a fala, podemos evidenciar com base em todos os aspectos que discutimos durante a construção deste texto, que para que ocorra a aprendizagem desta torna-se indispensável à mediação do professor. Quando refletimos sobre esta afirmação evidenciamos que o professor alfabetizador mesmo que possua convicções construtivistas ao iniciar o processo de alfabetização com seus alunos precisara eleger um método ou vários, um caminho a ser percorrido. E este caminho precisara ser muito bem estruturado para que a criança possua uma base sólida para desenvolver todas as facetas subsequentes a faceta linguística. Quando faço esta afirmação, faço partindo dos princípios tratados durante esta reflexão, pois devemos nos lembrar de que a escrita é um produto cultural sistêmico, possuindo assim a necessidade de seu aprendizado ocorra de maneira estruturada e sistêmica.

Durante as pesquisas para elaboração desta reflexão sobre a alfabetização e seus percalços, pude observar inúmeros fatores já intitulados que assumem o protagonismo dos avanços e fracassos quando tratamos a ineficácia da alfabetização no âmbito educacional. Entretanto, o ponto que mais se destaca é falta da especificidade da alfabetização, o fato desta ter perdido sua identidade, a diluição da alfabetização na inserção do processo de letramento, acredito ser o principal responsável pela falta de resultados que presenciamos nas escolas.

A introdução e por fim, a apropriação dos pressupostos construtivistas fez com que a alfabetização ocorresse de maneira aleatória, como destaquei, foi diluindo-se e fundindo-se com o letramento, até que por fim os dois conceitos tornaram-se um, este movimento foi um equívoco, pois embora se complementem, a alfabetização e o letramento são únicos possuem características e especificidades, inerentes as suas finalidades. A autora a qual eu utilizei para nortear minhas pesquisas utiliza o termo “Desinvenção da Alfabetização”, para nomear este movimento.

Outro ponto para ser ressaltado, são os métodos, que foram marginalizados, em alguns momentos proibidos, tratados como se fossem um veneno ao processo de alfabetização, dedicamos um capítulo inteiro para evidenciar a necessidade e importância dele, destacando que alfabetizar com um método consiste em alfabetizar conhecendo e orientando com segurança o que difere completamente de alfabetizar utilizando um caminho pré determinado por convenções ou moldes. Porém uma alfabetização bem sucedida não depende apenas de um método, ele vai muito além é construído por todos que alfabetizam, estes precisam compreender os processos específicos da alfabetização e do letramento e com base nestes conhecimentos desenvolver atividades que estimulem e orientem a aprendizagem da criança. Identificar e interpretar as dificuldades, para que assim tenham condições de intervir de forma adequada. Bom seria se existisse um script para alfabetizar, porém não existe, temos que nos apropriar dos recursos, o professor precisa conhecer profundamente todas as ferramentas para estar pronto para enfrentar todos os desafios.

Quando nos deparamos com um cenário tão alarmante quanto o nosso, ficamos extremamente tentados a nos curvar totalmente para o lado oposto a tudo que vem sendo feito naquele momento, direcionar todos os nossos esforços para este outro lado, porém não podemos mais

uma vez descartar as coisas boas e ruins, e começar do zero. Que algo precisa ser feito, isto é claro, toda via retornar para o lugar de onde viemos, é o mesmo que retroceder voltar ao que já foi superado nunca poderá ser considerado um avanço. Avançar consiste em acumularmos o que deu certo no passado e o que está dando resultados agora, agregando a estas questões as novidades teóricas que as novas pesquisas nos trazem.

Em conformidade com tudo que já foi dito precisamos compreender a função das práticas pedagógicas, com destaque para o papel do professor, pois por este passara e dependerá a aprendizagem e o pleno desenvolvimento do aluno. O professor sempre precisará de segurança e autonomia para definir quais as ações e procedimentos irá dispor para o desenvolvimento da linguagem escrita, ressaltando que o trabalho será desenvolvido com crianças reais, e que estas situações de aprendizagem deverão ocorrer em um contexto social e cultural.

REFERÊNCIAS

FERREIRO, E.;(1985). **Reflexões sobre alfabetização**. traduzido Horácio Gonzalez et al. São Paulo: editora Cortez

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Língua Escrita**, tradução Diana Myriam Lichtenstein, Liana Di Marco, Márcio Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999

FREIRE, M. **Educador, educa a dor**, 7.ed Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Terra e Paz, 2019

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**, 74.ed São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**, 17.ed São Paulo: Editora Paz e Terra, 1987

LERNER, D. **Ler e Escrever na Escola o real, o possível e o necessário**, 1.ed São Paulo: Editora Penso, 2002.

LIBANEO, J; TOSHI. M.S. **Educação escolar: políticas, estruturas e organização**, 10.ed São Paulo: Editora Cortez, 2012

PILETTI, N; ROSATO, M.S. **Psicologia da aprendizagem: da teoria do condicionamento ao construtivismo**, 1.ed São Paulo: Editora contexto, 2011

RUSSO, M. F. **Alfabetização Um processo em construção**, 6.ed São Paulo: Editora Saraiva, 2012

SEBER, M. G. **A escrita Infantil O Caminho da Construção**, 1.ed São Paulo: Editora Spicione, 2009

SOARES, M. **Alfabetização a questão dos métodos**, 1,ed São Paulo: Editora Contexto, 2017

SOARES, M. **Alfabetizar Toda criança pode aprender a ler e escrever**, 1.ed São Paulo: Editora Contexto 2022

WEISZ, T. **O Diálogo Entre o Ensino e a Aprendizagem**, 2.ed São Paulo: Editora Ática, 2000

Artigos de Revista:

BRAGA, E. S. **A Construção social do desenvolvimento**. Revista Educação, Rio de Janeiro, m.2, p.20-29, agosto. 2012

SAWAYA, S. M. **Alfabetização e o fracasso escolar: problematizando alguns pressupostos da concepção construtivista**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.26, n.1, p 67-81 jan-jun. 2000

SOARE, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**, Revista brasileira de educação, Minas Gerais, n25, p5-17 jan./fev./mar/abr. 2004

SOARES, M. **A reinvenção da Alfabetização**, Presença Pedagógica, v9 n.52 São Paulo, n 7-21 Jul/ago. 2003

SOARES, W. **Alfabetização além da disputa**, Revista Nova Escola, São Paulo, ano31, n291, p. 34-39. maio 2016

Dissertação, Tese e Artigos

ANDRADE, A. S.; CARRARO, P. R. **Concepções docentes sobre o construtivismo e sua implementação na rede estadual de ensino fundamental**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009

COIMBRA, M. C. T.; MARTINS, A.M.O. **O Estudo de Caso Como Abordagem no Ensino Superior**, Artigo, Lisboa: Universidade Lusófona do Porto, 2013

MORATTI, M. R. **Um Balanço crítico sobre a alfabetização no Brasil**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de Campinas, 2013

PIANA, M. C. **A pesquisa de Campo**, Artigo. São Paulo: Unesp, 2009

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L.H. **Pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamentos**. Artigo. Minas Gerais: Universidade Federal de Uberlândia, 2021

Artigos de Jornal:

7 em cada 10 alunos de ensino médio têm nível insuficiente em português e matemática, diz MEC, Rio de Janeiro, 30 de agosto de 2018, p14 O Globo, acesso 26 fev. 2024

FRAGA, F. **Alfabetização de crianças ainda é um desafio para o Brasil**, Maranhão: Agência Brasil, 8 de agosto de 2023, acesso em 26 de fevereiro

Taxa de analfabetismo de crianças de 7 a 9 anos dobra entre 20-19 e 2022 no Brasil, diz Unicef, Minas Gerais, 10 de outubro de 2023, portal G1, acesso em 26 de fevereiro 2024

Banco de dados:

Base Nacional Comum Curricular: Banco de dados disponível em www.mec.gov.br Acesso 20 maio 2024

Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 : Banco de dados disponível em www.mec.gov.br Acesso 20 maio 2024

Parâmetros Curriculares Língua Portuguesa: Banco de dados disponível em www.mec.gov.br, Acesso 20 maio 2024

Plano Nacional da Educação: Banco de dados disponível em www.mec.gov.br Acesso 20 maio 2024

Constituição Federal 1988: Banco de dados disponível www.planalto.gov.br Acesso 20 maio 2024.